

Ausência paterna e formação humana: um itinerário autoformativo com mulheres adultas

Paternal absence and human formation: a self-formative itinerary with adult women

Ausencia paterna y formación humana: un itinerario autoformativo con mujeres adultas

DOI: 10.54901/educa.v9-578

Izabelle Moreno dos Santos¹
Jacqueline de Faria Barros Ramos²

RESUMO: Esta pesquisa, de abordagem qualitativa e postura fenomenológico-existencial, busca compreender como mulheres adultas experienciam a ausência prolongada do cuidado paterno e o desconhecimento sobre sua origem biológica. Interroga-se como essas mulheres significam a ausência paterna e de que forma essa experiência se desvela em seus modos de ser-no-mundo. O objetivo central é compreender os sentidos atribuídos a essas vivências e, a partir deles, elaborar um itinerário autoformativo filosófico-existencial, configurado como produto educacional. O referencial teórico-metodológico ancora-se na filosofia heideggeriana, na analítica existencial frankliana, na analítica do sentido de Critelli, na hermenêutica filosófica de Gadamer e na perspectiva de formação humana de Marie-Christine Josso. A produção dos dados ocorre por meio de entrevistas dialógicas e do Diário de Bordo da pesquisadora, espaço de autoformação e registro da implicação subjetiva na interpretação dos sentidos desvelados. O produto educacional, em formato de videoaulas disponibilizadas em plataforma digital, destina-se a mulheres que vivenciaram a ausência paterna, propondo um percurso acessível de autoformação voltado à elaboração narrativa da experiência. A investigação justifica-se pela necessidade de incluir vivências historicamente invisibilizadas, ampliando os recursos formativos disponíveis a esse público. Ao transformar a experiência da ausência em matéria de reflexão acadêmica, a pesquisa oferece a essas mulheres um caminho formativo voltado à elaboração crítica e à ressignificação existencial de suas trajetórias.

Palavras-chave: ausência paterna; fenomenologia existencial; mulheres adultas; autoformação; formação humana.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa nasce da implicação pessoal de uma das autoras com o tema investigado. O silêncio sobre a ausência do pai biológico, sobre a própria origem biológica e a cobrança social por explicações inscreveram, na trajetória da pesquisadora, uma pergunta que insiste e que se converteu em problema de pesquisa: como mulheres adultas experienciam e significam

¹ Mestranda em Diversidade e Inclusão, Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.
E-mail: izabellemoreno@id.uff.br

² Doutora em Literatura Comparada, Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.
E-mail: jac_ramos@id.uff.br

a ausência paterna em seus modos de ser-no-mundo? Este trabalho se abre, portanto, como uma pesquisa acadêmica no âmbito do Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão da Universidade Federal Fluminense (UFF).

A ausência paterna constitui um fenômeno global, presente com intensidade variável em diferentes contextos culturais. O World Family Map mapeou arranjos familiares em 41 países, revelando ampla variação na proporção de crianças que crescem sem a presença paterna (Lippman; Wilcox, 2014). No Brasil, dados do Portal da Transparência da Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais indicam que, entre 2016 e 2025, mais de 1,6 milhão de certidões de nascimento foram lavradas sem o nome do pai (Arpen-Brasil, 2025), e o Conselho Nacional de Justiça (2024) estima que o número real de pessoas sem paternidade reconhecida seja significativamente maior que os registros formais indicam. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2025) identificou 7,8 milhões de mulheres criando filhos sem cônjuge ou parentes no mesmo domicílio, arranjo que corresponde a 13,5% dos lares brasileiros, com prevalência expressiva no Nordeste e entre famílias negras.

Esses números, no entanto, medem apenas a ausência formal, documentada e contabilizável. A ausência afetiva, vivida em lares nos quais o pai está fisicamente presente, mas ausente no cuidado, permanece incapturável pelas estatísticas. É nesse limite, entre o que pode ser medido e o que só se revela na experiência vivida, que se abre o campo desta investigação.

A literatura em saúde mental documenta a ausência paterna como fator de risco associado a Experiências Adversas na Infância, e a meta-análise de Hughes *et al.* (2017), reunindo dados de mais de 250 mil participantes, demonstrou que indivíduos com quatro ou mais experiências adversas na infância apresentam risco quatro vezes maior de desenvolver transtornos mentais ao longo da vida. Diante dessa realidade, justifica-se a produção de recursos formativos acessíveis, de base não clínica, que ofereçam a mulheres afetadas por essa experiência um primeiro espaço de nomeação, reconhecimento e elaboração, antes que o sofrimento exija intervenção especializada.

O objetivo geral desta pesquisa é compreender os sentidos atribuídos por mulheres adultas à experiência da ausência paterna e, a partir dessas narrativas, elaborar um produto educacional de caráter autoformativo, voltado à produção de sentidos e à formação humana. Constituem objetivos específicos: a) investigar, a partir de uma abordagem fenomenológico-existencial, como mulheres adultas experienciam e significam a ausência paterna em seus modos de ser-no-mundo; b) identificar os sentidos formativos que emergem das narrativas das participantes acerca de suas trajetórias de vida; c) analisar de que modo essas experiências se

articulam a processos de autoformação, elaboração narrativa de si e construção de sentidos sobre a existência; e d) elaborar um itinerário autoformativo filosófico-existencial, em formato de produto educacional, que contribua para o campo da educação ao reconhecer experiências biográficas invisibilizadas como fontes legítimas de conhecimento, aprendizagem e formação.

Para alcançar esses objetivos, a pesquisa adota abordagem qualitativa, de orientação fenomenológico-existencial, com produção de dados por meio de entrevistas dialógicas e Diário de Bordo da pesquisadora. Este artigo está organizado da seguinte forma: a seção 2 apresenta o referencial teórico, articulando o estado da arte sobre ausência paterna à fundamentação filosófico-existencial que sustenta a investigação; a seção 3 detalha o percurso metodológico; a seção 4 apresenta e discute o produto educacional elaborado; e a seção 5 tece as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Ausência Paterna: Convergências e Lacunas na Literatura

A revisão de literatura que fundamenta esta pesquisa foi conduzida segundo a abordagem hermenêutica proposta por Faganello, Hamerski e Pinheiro (2024), a partir do círculo hermenêutico de Boell e Cecez-Kecmanovic (2010), estruturado em sete etapas: pesquisar, ordenar, selecionar, adquirir, ler, identificar e refinar. A busca abrangeu as bases PsycINFO, PubMed, Scopus, Web of Science, SciELO e CAPES, complementada por rastreamento de referências, resultando em corpus de 20 produções publicadas entre 2020 e 2026, oriundas de diferentes países, métodos e tradições epistemológicas.

O dado mais robusto e transversal da literatura revisada é que a ausência paterna constitui fator de risco significativo para a saúde mental ao longo da vida. Culpin *et al.* (2022), em acompanhamento longitudinal de até 8.409 crianças britânicas do nascimento aos 24 anos, demonstraram que a ausência paterna na primeira infância prediz maior risco de depressão na vida adulta, com efeitos que se amplificam, e não diminuem, na transição para a vida adulta. Silva e Nunes (2026) sistematizaram esses efeitos em domínios como comprometimento da regulação emocional, perturbações na construção da identidade e maior incidência de ansiedade e depressão.

A literatura indica ainda que os efeitos da ausência paterna incidem de modo diferenciado sobre mulheres. Zhou *et al.* (2024) apontam que o comprometimento das relações com pares é mais intenso no sexo feminino, uma vez que o pai é, frequentemente, a primeira

figura masculina de referência na vida da menina. Szudy e Puchalska-Wasyl (2020), com 180 mulheres polonesas adultas, confirmaram que o cuidado paterno prediz negativamente a ansiedade e positivamente a curiosidade, enquanto o controle excessivo e a inconsistência paterna predizem raiva e fechamento. Castetter (2020) observou que, enquanto meninos tendem a externalizar os efeitos da ausência, meninas tendem a internalizá-los, organizando a partir dela sua autoestima e suas escolhas afetivas.

Estudos qualitativos conduzidos em contextos culturais amplamente distintos: Filipinas (Balba *et al.*, 2026), Indonésia (Yusriyah *et al.*, 2024; Pratiwi *et al.*, 2024), África do Sul (Mathe; Lekganyane, 2025; MOILA, 2023), Estados Unidos (Moody, 2023; Newsome, 2025) e Brasil (Oliveira; Coelho, 2024; Fernandes, 2020) convergem na identificação de cinco configurações de experiência: o autoconceito instável e a dificuldade de autoconhecimento; a contenção emocional como modo de sobrevivência; a desconfiança estrutural nas relações e o medo do abandono; a projeção da figura paterna no parceiro amoroso; e a ressignificação da ausência como catalisador de força e propósito.

A lacuna mais fundamental revelada por essa revisão é de natureza epistemológica: a maioria das produções mensura sintomas, mapeia correlações e descreve consequências observáveis, mas poucas acedem ao que as mulheres fazem com essa experiência, como a interpretam, como a narram para si mesmas, como se formam a partir dela. Nenhum dos 20 estudos revisados realizou pesquisa fenomenológica com mulheres adultas brasileiras, tomando a experiência da ausência paterna, em sua dimensão de estrutura existencial e modo de ser-no-mundo, como objeto de investigação, é essa lacuna dupla, de gênero e de contexto nacional, que esta pesquisa se propõe a ocupar.

2.2 Fundamentação Filosófico-Existencial

A opção pela fenomenologia existencial como referencial teórico-metodológico decorre da própria natureza do fenômeno investigado. Como aponta Giorgi (apud Castelo Branco, 2024, p. 26), o pesquisador fenomenológico parte do pressuposto de que a pessoa que vivenciou o fenômeno estudado é quem melhor o compreende, cabendo ao pesquisador aprender com essa experiência, e não confirmar ou refutar hipóteses previamente elaboradas.

Heidegger (2003) constitui o eixo central dessa fundamentação. Para o filósofo, o ser humano não é um ente isolado, mas um ser-no-mundo, que se constitui na relação com os outros e com as coisas. A afirmação de que “[...] o ser de tudo aquilo que é mora na palavra. Nesse sentido, é válido afirmar: a linguagem é a casa do ser.” (Heidegger, 2003, p. 127) situa a

experiência da ausência paterna para além do registro afetivo ou biográfico: se tudo o que existe só existe porque pode ser dito, a ausência do pater, palavra que funda, em latim, noções como patrimônio, pátria e paternidade, configura uma falta de linguagem para nomear a própria origem, uma fissura ontológica na estrutura pela qual o sujeito se compreende e se projeta no mundo.

À dimensão heideggeriana articula-se a analítica existencial de Viktor Frankl (2008; 2011), para quem o ser humano habita uma dimensão noética ou espiritual, irreduzível aos condicionamentos biológicos e psicológicos. É nessa dimensão que reside o autodistanciamento: a capacidade humana de tomar distância de si mesmo, de não ser idêntico ao que sofre, e de escolher a posição que assume diante da própria existência. Esse conceito dialoga diretamente com o que Josso (2010) nomeia consciência observante, capacidade de atenção consciente ao que se passa em si, distinta do pensamento que raciocina, e que permite transformar a vivência emotiva e afetiva em matéria de conhecimento e formação.

Na perspectiva de Josso (2010; 2014), a formação humana ocorre quando o sujeito integra à consciência as aprendizagens e os significados produzidos, de maneira fortuita ou organizada, ao longo da vida. Gaston Pineau (2014) complementa essa perspectiva ao descrever a formação como resultado da tensão entre três forças: a heteroformação (o que vem dos outros), a ecoformação (o que decorre da relação com o mundo) e a autoformação (a capacidade do sujeito de se tornar, simultaneamente, sujeito e objeto de si mesmo). A autoformação, nesse sentido, não é privilégio de espaços acadêmicos: ela já opera em qualquer sujeito que existe, escolhe, sofre e continua.

A analítica do sentido de Dulce Critelli (1996) e a hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer (2015) oferecem, por sua vez, o instrumental metodológico para acessar e interpretar os sentidos que emergem das narrativas das participantes, conforme detalhado na seção metodológica deste artigo.

Portanto, transformar a ausência paterna, uma experiência invisibilizada e tantas vezes tratada socialmente apenas como um dado estatístico, em uma experiência formadora: matéria de reflexão, narrativa e autoformação é a proposta desta pesquisa.

3 METODOLOGIA

3.1 Abordagem da Pesquisa

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de orientação fenomenológico-existencial, comprometida com a compreensão da experiência vivida em sua densidade narrativa, temporal e formativa. A produção dos dados ocorre por meio de dois dispositivos principais: entrevistas semiestruturadas, concebidas como encontros dialógicos de escuta, reflexão e mútua formação, e o Diário de Bordo da pesquisadora, entendido como espaço de autoformação e registro da implicação subjetiva no processo interpretativo.

3.2 Participantes e Recrutamento

O recrutamento é realizado de forma virtual e estruturado em três etapas: divulgação da pesquisa em redes sociais e grupos temáticos; preenchimento de formulário digital para verificação dos critérios de inclusão (perfil de ausência paterna, maioridade e autodeclaração de estabilidade emocional); e contato individual para acolhimento, envio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e agendamento de entrevista por videochamada. São incluídas mulheres com 18 anos ou mais que tenham vivenciado a ausência do pai biológico por não convivência prolongada, falecimento na primeira infância ou desconhecimento de sua identidade, e que se autodeclarem em condições emocionais de participar. São excluídas mulheres com convivência contínua com o pai biológico, com ausência apenas temporária ou circunstancial, menores de 18 anos, ou em situação de crise psicológica aguda. A amostra é composta por até 20 mulheres adultas, com encerramento das entrevistas orientado pelo critério de saturação dos sentidos em relação aos objetivos específicos da pesquisa.

3.3 Coleta e Produção de Dados

As entrevistas semiestruturadas de caráter narrativo, com duração aproximada de 60 minutos, são conduzidas conforme a Analítica do Sentido de Critelli (1996), que orienta a escuta para o modo como a experiência se manifesta e se transforma para cada participante, e não para a busca de causas ou explicações fechadas. O roteiro organiza-se em cinco eixos, correspondentes aos momentos do movimento de realização do real descritos pela autora: o desvelamento (o que emerge espontaneamente, ainda não elaborado em discurso); a revelação

(como a experiência ganha expressão em linguagem); o testemunho (a presença ou ausência de um outro que escutou e co-elaborou a experiência); a veracização (se e como a experiência foi legitimada como importante); e a autenticação (a consistência singular que a experiência ganha para a própria participante). Todas as entrevistas são gravadas em áudio e vídeo, mediante autorização expressa no TCLE, e transcritas integralmente.

3.4 Interpretação dos Dados

A análise é conduzida pela Hermenêutica Filosófica de Gadamer (2015), articulada à Analítica do Sentido de Critelli (1996), em quatro movimentos: leitura compreensiva global de cada transcrição; identificação dos núcleos de sentido, com atenção às passagens de maior intensidade ou singularidade; interrogação hermenêutica, operando em círculo hermenêutico entre o todo e as partes, na busca da fusão de horizontes entre pesquisadora e participante (Gadamer, 2015); e interpretação à luz dos cinco momentos do aparecer fenomênico descritos por Critelli (1996).

3.5 Aspectos Éticos

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal Fluminense, polo Nova Friburgo (Parecer nº 8.554.500), em conformidade com as Resoluções CNS nº 466/2012 e nº 510/2016 e com a Carta Circular nº 1/2021-CONEP/SECNS/MS, que orienta procedimentos em pesquisas com etapas em ambiente virtual. O TCLE contempla os objetivos, procedimentos, riscos e benefícios da pesquisa, o direito de retirada do consentimento a qualquer momento sem prejuízo, e a explicitação dos riscos específicos do ambiente virtual. Os dados são armazenados em dispositivo local protegido por senha, e as participantes são identificadas por pseudônimos de sua própria escolha. Dada a natureza sensível do tema, a pesquisadora adota postura acolhedora e prevê a interrupção do encontro e o encaminhamento a suporte psicológico especializado caso alguma participante apresente sinais de sofrimento intenso.

4 DISCUSSÃO E RESULTADOS

4.1 O Movimento de Realização do Real como fio Metodológico Transversal

O movimento de realização do real, proposto por Critelli (1996), não organiza apenas a condução das entrevistas: ele permeia, de modo transversal, tanto a produção quanto a interpretação das narrativas produzidas ao longo da pesquisa. Isso significa que os cinco movimentos que orientam a escuta no momento da entrevista (o desvelamento, a revelação, o testemunho, a veracização e a autenticação) são os mesmos que orientam, posteriormente, o retorno hermenêutico às transcrições, na etapa de interpretação dos dados. No desvelamento, tanto a participante quanto a pesquisadora acompanham aquilo que emerge do ocultamento, ainda não elaborado em discurso; na revelação, o fenômeno ganha expressão pela linguagem, seja na fala da entrevistada, seja na leitura atenta que a pesquisadora faz dessa fala; no testemunho, a experiência é acolhida, primeiro pela escuta da pesquisadora durante o encontro, depois pelo próprio gesto interpretativo de tomá-la a sério enquanto dado de pesquisa; na veracização, a experiência adquire relevância pública, deixando de ser vivência exclusivamente privada para tornar-se matéria legítima de conhecimento científico; e, na autenticação, consolida-se a consistência singular da experiência, tanto para a mulher que narrou quanto para a interpretação que a pesquisadora produz a partir dela.

Isso significa que a interpretação não é um passo separado, feito de fora, depois que a entrevista termina. Ela é uma continuação do mesmo movimento, ou seja, a pesquisadora, sozinha diante das transcrições, continua desvelando o que a participante começou a desvelar durante a conversa. A hermenêutica, assim, não se impõe sobre a fala da mulher como uma régua externa, ela dá seguimento ao mesmo processo de compreensão que já estava em curso desde o encontro entre as duas.

4.2 O Itinerário Autoformativo Filosófico-Existencial como Produto Educacional

O produto desta pesquisa é um itinerário autoformativo filosófico-existencial, em formato de videoaulas disponibilizadas em plataforma digital de acesso aberto, destinado a mulheres que vivenciaram a ausência paterna. Situar essa proposta no campo da Diversidade e Inclusão constitui, em si, um gesto de reparação: mulheres que cresceram sem o reconhecimento paterno ou sem conhecimento de sua origem biológica constituem um grupo cuja invisibilidade começou antes mesmo da entrada em instituições como a escola, começou

na própria certidão de nascimento. Numa compreensão heideggeriana, incluir é exercer o *Sorge*, o cuidado, entendido como "o que há de mais essencial na existência do ser-no-mundo" (Kahlmeyer-Mertens, 2015, p. 107 apud Weyh, 2019, p. 111): criar as condições para que o outro possa ser, existir e cuidar de si mesmo a partir de sua própria possibilidade de ser.

O conteúdo do itinerário não oferece explicações sobre os impactos e efeitos da ausência, mas convida cada mulher a habitar o cuidado de si, a transformar a vivência em experiência formadora (Josso, 2002) e a responder ativamente à vida, construindo sentidos por-vir (Frankl, 2008) a partir de suas próprias narrativas autobiográficas. O que o produto visa oferecer, sobretudo, é linguagem: conceitos filosóficos e existenciais traduzidos em forma acessível, que permitam a cada mulher realizar, por conta própria, uma análise de sua existência, como vivo, como me constituo, de que forma me relaciono comigo mesma e com os outros, sem depender de um especialista que interprete por ela sua própria experiência.

No plano das políticas públicas de saúde mental, o itinerário se insere no campo das intervenções de baixa intensidade, não especializadas e baseadas em evidências, correspondentes ao Nível 1 de modelos escalonados de cuidado, recomendados pelo Plano de Ação de Saúde Mental 2013-2030 da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2021) e pela Diretriz da OMS sobre Intervenções de Autocuidado (OMS, 2022). Modelos semelhantes já foram implementados, com financiamento governamental, no Reino Unido, o NHS Talking Therapies, que atende mais de um milhão de pessoas por ano (NHS England, 2024), e na Austrália, com o MumSpace, voltado a mulheres em período perinatal, que já alcançou mais de 275 mil acessos desde seu lançamento (Milgrom *et al.*, 2025). O itinerário aqui proposto não tem caráter clínico, pois trata-se de formação, filosófico-existencial, posicionando-se como resposta de Nível 1, acessível, gratuita e sem exigência de diagnóstico ou encaminhamento, capaz de oferecer a essas mulheres um primeiro espaço de linguagem, reconhecimento e autocuidado, antes que o sofrimento exija intervenção de maior intensidade.

O itinerário aqui apresentado constitui, neste momento da pesquisa, um protótipo estrutural, elaborado a partir do referencial teórico e do estado da arte sobre a experiência da ausência paterna. Sua estrutura em módulos representa uma arquitetura conceitual inicial, cujo conteúdo definitivo será construído e ajustado a posteriori, ancorado nas narrativas produzidas nos encontros dialógicos com as participantes.

4.3 Alcance Social e Potencial de Política Pública em Saúde Mental

Os dados sobre a prevalência da ausência paterna no Brasil, apresentados na introdução, permitem dimensionar, ainda que de forma aproximada, o público potencialmente alcançável por um produto de acesso digital, gratuito e não condicionado a diagnóstico prévio. Diferentemente de intervenções clínicas tradicionais, cujo acesso é limitado pela disponibilidade de profissionais especializados, pelo custo e, frequentemente, pela distância geográfica dos grandes centros urbanos, um itinerário em formato de vídeo, hospedado em plataforma aberta, tem potencial de alcançar justamente as mulheres mais distantes dos serviços especializados, inclusive aquelas em situação de vulnerabilidade econômica, população na qual, como visto na revisão de literatura, a ausência paterna formal é proporcionalmente mais frequente.

Esse potencial de alcance dialoga com os modelos escalonados de cuidado já mencionados (NHS Talking Therapies e MumSpace), que demonstram, na prática, algo que a Organização Mundial da Saúde recomenda em nível de diretriz (OMS, 2021; 2022): intervenções de baixa intensidade, gratuitas e de acesso aberto, não substituem o cuidado clínico especializado, mas ampliam de forma expressiva a cobertura populacional de ações preventivas em saúde mental, sobretudo entre grupos que, de outra forma, permaneceriam inteiramente fora de qualquer rede de cuidado.

Essa relevância social se conecta, ainda, a múltiplos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030, articulação já indicada pela literatura internacional sobre ausência paterna (Kucukkaragoz, 2023): ao ODS 3 (saúde e bem-estar), pelos impactos da ausência paterna sobre a saúde mental ao longo da vida; ao ODS 5 (igualdade de gênero), na medida em que a ausência paterna sobrecarrega desproporcionalmente mulheres, tanto na infância vivida quanto, mais tarde, na maternidade solo; ao ODS 10 (redução das desigualdades), pelo agravamento dos efeitos da ausência em contextos de pobreza e racismo; e ao ODS 16 (paz, justiça e instituições eficazes), pela dimensão de reconhecimento e reparação simbólica que a nomeação pública dessa experiência representa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ausência paterna, seja por desconhecimento da origem biológica, seja pela não convivência prolongada com o pai biológico, constitui uma fissura ontológica, uma interrupção na estrutura pela qual o ser humano se ancora no mundo e se projeta para o futuro. Hannah

Arendt (2009) oferece, nesse ponto, uma chave conceitual importante. Para a autora, cada ser humano chega ao mundo como um começo absolutamente novo, ou seja, a natalidade é, em sua filosofia, a capacidade humana de inaugurar o inédito, de introduzir, pela própria existência, "o princípio do começo" no mundo (Arendt, 2009, p. 190). É por essa natalidade que o sujeito se torna capaz de agir, de iniciar algo que não estava previamente dado, e de inserir-se, pela palavra e pela ação, na teia de relações que constitui o espaço comum da pluralidade humana.

Quando a origem paterna permanece desconhecida ou o cuidado interrompido, o que está em jogo não é apenas uma lacuna informacional ou relacional, mas a possibilidade de o sujeito habitar plenamente sua própria condição de começo. Arendt lembra que só nos tornamos quem somos na presença de outros que testemunham nossa singularidade, é o reconhecimento alheio, e não apenas a introspecção, que confirma nossa identidade como agentes no mundo. A ausência paterna, nesse sentido, pode fragilizar justamente essa confirmação: falta, à narrativa da mulher, um dos primeiros testemunhos de sua chegada ao mundo, capaz de situá-la numa história que a precede e que a autoriza a agir a partir de si. É precisamente essa fissura, entre o começo que cada ser humano é e o reconhecimento que lhe permitiria assumir esse começo como projeto, que esta pesquisa se propõe a investigar e, sobretudo, a acolher.

Esta investigação parte da constatação de que, embora a literatura sobre ausência paterna seja extensa nos campos da Psicologia e das pesquisas empíricas, a literatura sobre como mulheres adultas experienciam e significam essa ausência, em sua dimensão existencial, permanece escassa, limitada, sobretudo, no contexto brasileiro, pela predominância de olhares externos ao vivido. A fenomenologia existencial, articulada à hermenêutica filosófica de Gadamer e à analítica do sentido de Critelli, mostrou-se o caminho metodológico mais coerente para investigar um fenômeno que, por sua própria natureza, a interrupção de um começo, nos termos arendtianos, não se deixa capturar por escalas ou análises documentais.

O itinerário autoformativo filosófico-existencial, estruturado a partir dessa investigação, representa a contribuição prática deste trabalho, a saber, um percurso gratuito e acessível de elaboração existencial que convida cada mulher a exercer, nos termos de Frankl (2008), a liberdade de atitude diante do que não pode ser mudado e, nos termos de Arendt, a reencontrar-se como começo, mesmo quando esse começo não foi testemunhado por aquele que a gerou.

As conclusões definitivas deste estudo dependem dos dados que as entrevistas produzirão, uma vez que o produto educacional é, por concepção metodológica, ancorado nas narrativas das participantes. O que este artigo apresenta é a arquitetura de uma investigação, um problema claramente delimitado, um referencial teórico consistente, um método fenomenologicamente fundamentado e um produto educacional cuja relevância social já se

encontra demonstrada pela lacuna identificada na literatura. Esta pesquisa é necessária porque responde a uma realidade proeminente e, ao mesmo tempo, invisibilizada nas estatísticas oficiais; é original porque inaugura, no contexto brasileiro, uma perspectiva fenomenológica sobre uma experiência que afeta milhões de mulheres e que ainda não encontrou, na produção acadêmica nacional, uma voz própria. Abre-se, com ela, um campo investigativo pouco explorado no Brasil: o dos estudos fenomenológicos sobre experiências de origem marcadas pelo desconhecido (abandono parental, adoção, acolhimento institucional) como questões ontológicas, e não apenas psicológicas, que demandam a ressignificação do estar no mundo.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

ARPEN-BRASIL. Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais. **Portal da Transparência**: registros de nascimentos sem paternidade declarada. Brasília: ARPEN-BRASIL, 2025. Disponível em: <https://www.arpen.org.br>. Acesso em: mar. 2026.

BALBA, Niezl Joy *et al.* Echoes of absence: exploring the lived experiences of psychology students without paternal presence. **Advanced Qualitative Research**, v. 4, n. 1, p. 80-96, 2026.

BARROS, Jacqueline de Faria. **Trilogia de sombras: Saramago, Santo Agostinho e Heidegger**. EDUFF: Niterói, 2017.

BOELL, Sebastian K.; CECEZ-KECMANOVIC, Dubravka. Literature reviews and the hermeneutic circle. **Australian Academic & Research Libraries**, v. 41, n. 2, p. 129-144, 2010.

CASTELO BRANCO, Paulo Coelho (org.). **O método fenomenológico empírico**: história, organização metodológica e estudos aplicados à formação em psicologia. Cachoeirinha: Fi, 2024.

CASTETTER, Carlee. **The developmental effects on the daughter of an absent father throughout her lifespan**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso — Merrimack College, North Andover, MA, 2020.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA (CNJ). **Paternidade responsável**: diagnóstico dos registros de nascimento sem paternidade no Brasil. Brasília: CNJ, 2024.

CRITELLI, Dulce Mara. **Analítica do sentido**: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: Brasiliense; EDUC, 1996.

CULPIN, Iryna; HEUVELMAN, Hein; RAI, Dheeraj *et al.* Father absence and trajectories of offspring mental health across adolescence and young adulthood: findings from a UK birth cohort. **Journal of Affective Disorders**, v. 314, p. 150-159, out. 2022.

FAGANELLO, Cláucia Piccoli; HAMERSKI, Bruna; PINHEIRO, Daniel Moraes. Revisão de literatura hermenêutica: possibilidade metodológica para o campo dos estudos organizacionais. **Organizações & Sociedade**, v. 31, n. 110, p. 001-020, 2024.

FERNANDES, Camila. A força da ausência: a falta dos homens e do "Estado" na vida de mulheres moradoras de favela. **Sexualidad, Salud y Sociedad: Revista Latinoamericana**, Rio de Janeiro, n. 36, p. 206-230, set./dez. 2020.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. 25. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

FRANKL, Viktor E. **A vontade de sentido**: fundamentos e aplicações da logoterapia. São Paulo: Paulus, 2011.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução de Flávio Paulo Meurer. 15. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2015.

HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003.

HUGHES, Karen *et al.* The effect of multiple adverse childhood experiences on health: a systematic review and meta-analysis. **The Lancet Public Health**, v. 2, n. 8, p. e356-e366, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022**: nupcialidade e família — resultados preliminares da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2025.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: Educa, 2002.

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Tradução de Albino Pozzer. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002.

LIPPMAN, Laura H.; WILCOX, W. Bradford. **World Family Map 2014**: mapping family change and child well-being outcomes. Washington, DC: Child Trends; Institute for Family Studies, 2014.

MATHE, Luyanda; LEKGANYANE, Maditobane R. The psychosocial barriers and enablers for managing growing up with an absent father. **Health SA Gesondheid**, v. 30, a2911, set. 2025.

MILGROM, Jeannette; GARNER, Brydie; RODRIGUES, Andre *et al.* National implementation of perinatal mental health treatment: the MumSpace digital stepped-care model. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 22, n. 3, artigo 361, fev. 2025.

MOILA, Witness. **The phenomenon of absent fatherhood**: perceptions, experiences and challenges of absent fathers and adolescent children. 2023. Dissertação (Mestrado) — University of the Western Cape, Bellville, 2023.

MOODY, Jamila Jordan. **Papa was a missing stone**: an exploration into the lived experiences of father-absent African American women. 2023. Tese (Doutorado) — East Tennessee State University, Johnson City, TN, 2023.

NEWSOME, Catherine L. **The lived experiences of Black Christian women with having absent fathers**: a phenomenological study of identity, self-esteem, and the Christian faith. 2025. Tese (Doutorado) — Liberty University, Lynchburg, VA, 2025.

NHS ENGLAND. **NHS Talking Therapies for anxiety and depression**. Londres: NHS England, 2024.

OLIVEIRA, Ana Clara de; COELHO, Matheus Garcia. Entre vazios e descobertas: o abandono afetivo na construção do sujeito sob a lente fenomenológica existencial. **Revista Sociedade Científica**, v. 7, n. 1, p. 4700-4715, 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Comprehensive mental health action plan 2013-2030**. Genebra: WHO, 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **WHO guideline on self-care interventions for health and well-being, 2022 revision**. Genebra: WHO, 2022.

PINEAU, Gaston. A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2014. p. 87-104.

PRATIWI, Mutia R.; YUSRIANA, Amida; POERNOMO, Moudy. Phenomenological study of fatherlessness in the lives of daughters. **Jurnal Ilmu Sosial**, v. 23, n. 1, p. 130-156, set. 2024.

SILVA, Thalia Macario da; NUNES, Alexandre Aby Hacan. O impacto do trauma infantil na vida adulta: consequências psicológicas do abandono paterno no desenvolvimento emocional. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 9, n. 20, e093101, jan./jun. 2026.

SZUDY, Katarzyna D.; PUCHALSKA-WASYL, Małgorzata M. The relationship with the father and the emotional functioning of women in adulthood. **Roczniki Psychologiczne / Annals of Psychology**, v. 23, n. 1, p. 63-82, 2020.

WEYH, Katyana Martins. **Do cuidado**: da essência da existência do ser-aí em Heidegger. 2019. 112 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) — Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2019.

YUSRIYAH, Ayu Dzihni *et al.* Dynamics of self-acceptance of early adult women who experience fatherlessness. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON ADVANCED RESEARCH IN SOCIAL AND ECONOMIC SCIENCE, 2., 2023. **Advances in Social Science, Education and Humanities Research**. [S. l.]: Atlantis Press, 2024. v. 842, p. 696-714.

ZHOU, Yaping *et al.* The relationship between father-love absence and loneliness: based on the perspective of the social functionalist theory and the social needs theory. **International Journal of Mental Health Promotion**, v. 26, n. 2, p. 139-148, 2024.